

13ª EDIÇÃO

RE
CONCURSO
DE
CANTADA

**CONCURSO PENTÁGONO DE REDAÇÃO – 13ª EDIÇÃO
2024**



13º CONCURSO DE REDAÇÃO COLÉGIO PENTÁGONO

DIRETORA PEDAGÓGICA GERAL

Patrícia Martins Nogueira

VICE-DIRETOR DE INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Bruno Alvarez

DIRETORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Ana Paula Zanoni

DIRETORES DE UNIDADE

Alphaville – Denise Desiderá

Morumbi – Gisela Bertipaglia

Perdizes – Reinaldo Correa de Aquino

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Julia Contier Fares

COORDENADORA DO PROJETO

Priscila Campanholo

COORDENADORAS PEDAGÓGICAS DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS

Alphaville – Daniella Molina

Morumbi – Alana Périco

Perdizes – Thais Zanetti

COORDENADORES PEDAGÓGICOS DO ENSINO MÉDIO

Alphaville – João Marcello de Almeida

Morumbi – André Condes Ferreira

Perdizes – Renata Biafore

PREFÁCIO

João Matheus Silva

AUTORES

Ana Claudia Abate Scarpinella Bueno

Beatriz Luchesi De Mello Moraes

Eliza Amadi Barna

Enzo Bastos Capelletti

Felipe De Lucas Quinze

Gabriella Oliveira Dib

Isabela Lamoca Diniz

Isabela Magalhães Pomarico

Isadora Ribeiro Mendes

Laura De Souza Apolinário

Leticia De Aquino Machado Eça

Livia Balieiro Daidone

Lucas Sachs Turci De Camargo

Luna Marques Cardoso

Manuella Martinez Jaime

Maria Clara Perucelo Da Silva

Maria Fernanda Cortizo Giraldi
Mariana Ribeiro Salomão
Melissa De Lucas Quinze
Olivia Herzog Drummond Santoro
Vinicius Multini Kamiya

PROFESSORES COLABORADORES

Alphaville – Amanda Belon
Alphaville – Giuliana Lira
Morumbi – Débora Roncon
Morumbi – Giovanna Fulanetti
Morumbi – Gustavo Pessutti
Perdizes – Belisa Nucci
Perdizes – Denise Maluf
Perdizes – Ingrid Silva
Perdizes – Natália Brito

ORGANIZAÇÃO

Gustavo Pessutti e Marina Pape

CAPA

André Cantarino

APOIO

Kessy Christine Barros de Jesus e Laura Lourenço de Lima

REALIZAÇÃO

Colégio Pentágono

Direitos reservados a Colégio Pentágono / Autores das redações
Rua Cidade do Rio Pardo, 241
05727-180 – São Paulo – SP
(11) 3747-6277
<https://www.colegiopentagono.com/>
comunicacao@colegiopentagono.com

SUMÁRIO

Prefácio Concurso Pentágono de Redação – 13ª Edição – João Matheus Silva	5
6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS	6
1º Lugar – <i>Sem título</i> – Isabela Lamoca Diniz	7
2º Lugar – <i>Sem título</i> – Isabela Magalhães Pomarico	8
3º Lugar – <i>Sem título</i> – Olivia Herzog Drummond Santoro	9
7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS	11
1º Lugar – <i>Nohi e sua luta para salvar a floresta</i> – Felipe De Lucas Quinze	12
2º Lugar – <i>A luta de Nohi contra o garimpo ilegal em suas terras</i> – Maria Fernanda Cortizo Giraldi	14
3º Lugar – <i>Nohi, o capitão da luta contra os garimpeiros</i> – Laura de Souza Apolinário	16
8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS	18
1º Lugar – <i>Nenhuma experiência é única</i> – Mariana Ribeiro Salomão	19
2º Lugar – <i>A felicidade nas nossas pequenas coisas</i> – Luna Marques Cardoso	21
3º Lugar – <i>O mundo real</i> – Gabriella Oliveira Dib	23
9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS	25
1º Lugar – <i>A paixão da racionalidade</i> – Ana Claudia Abate Scarpinella Bueno	26
2º Lugar – <i>Ad hominem</i> – Lucas Sachs Turci De Camargo	28
3º Lugar – <i>O que faz parte da humanidade?</i> – Livia Balieiro Daidone	30
1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO	32
1º Lugar – <i>Sentir é liberdade</i> – Beatriz Luchesi De Mello Moraes	33
2º Lugar – <i>A menina com coração de robô</i> – Melissa De Lucas Quinze	35
3º Lugar – <i>Juízo final: a condenação da humanidade</i> – Enzo Bastos Capelletti	37
2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO	39
1º Lugar – <i>Fora do Mundo</i> – Maria Clara Perucelo Da Silva	40
2º Lugar – <i>Aparato de resolver problemas</i> – Vinicius Multini Kamiya	42
3º Lugar – <i>Minha outra vida</i> – Eliza Amadi Barna	44
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO	46
1º Lugar – <i>Sempre alegre, sempre alegre</i> – Leticia De Aquino Machado Eça	47
2º Lugar – <i>Vítimas da internet</i> – Manuella Martinez Jaime	50
3º Lugar – <i>Um amor ilhado não deve ser virtual</i> – Isadora Ribeiro Mendes	52

Prefácio Concurso Pentágono de Redação – 13ª Edição – João Matheus Silva

Acredito que a experiência de escrever no Pentágono seja algo diferente, um processo único, por impulsionar uma constante evolução dentro e fora da escrita. As redações semanais e as provas de redação são muito importantes para os estudantes, especialmente dentro da preparação para os vestibulares, em cuja maioria existe um peso maior das dissertações argumentativas. Isto faz com que os alunos tenham, no processo de escrita, um acompanhamento constante de seu desempenho. Já na reescrita dos textos, uma atividade metacognitiva fundamental, temos uma compreensão ainda melhor do que precisa ser feito para aprimorar futuras composições textuais.

Confesso que, apesar de ter vencido o Concurso de Redação, inicialmente, não queria participar. Porém, enxerguei ali uma oportunidade de desenvolver ainda mais a minha escrita. De forma geral, eu não me via ganhando o concurso, principalmente por ter certa dificuldade com a estrutura dos textos e, às vezes, com a transferência das ideias para o papel. Mas, ao contrário do que imaginava, no dia da prova, eu me senti confortável e consegui escrever um texto que me satisfiz plenamente. O concurso em si já é muito importante, pois se trata de uma atividade que proporciona uma experiência “Pentágono”, ou seja, algo que só o Pentágono pode oferecer, especialmente por ter uma atmosfera similar à realização de redações em vestibulares. Assim, esse concurso se torna ainda mais valioso para os alunos do Ensino Médio, que precisam da melhor preparação possível.

Ao receber a notícia de que tinha vencido o concurso, eu me senti muito bem e entendi que ter participado, realmente, valeu a pena. Por isso, quero incentivar os futuros alunos a se envolverem com o Concurso e com as atividades de escrita de todas as formas possíveis, independentemente do segmento em que estejam – Ensino Médio ou Fundamental. Essa experiência será única e, ao longo das suas jornadas, irá se tornar uma conquista da qual vocês poderão se orgulhar. Mais do que isso, será uma vivência que pode ser utilizada para ampliar horizontes e mergulhar em cenários que, antes, não eram enxergados.

João Matheus Silva foi o primeiro colocado da 3ª série do Ensino Médio no 12º Concurso de Redação do Pentágono, em 2023.

**6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL –
ANOS FINAIS**

1º Lugar

Nome: Isabela Lamoca Diniz (Perdizes)

São Paulo, 24 de maio de 2024.

Caros coordenadores do Colégio Pentágono,

Como vocês estão? Eu estou bem, porém, andei percebendo que, em alguns lugares que frequento e, às vezes, aqui na escola, ainda há pessoas com preconceito racial. Não queria que isso acontecesse com a nossa escola e, por isso, estou mandando esta carta para garantir que não tenhamos racismo no nosso ambiente pedagógico. Preparei dicas para evitar que alunos fiquem com más intenções, não somente contra pessoas negras, mas também contra qualquer indivíduo.

Em primeiro lugar, gostaria de relatar um acontecimento que ocorreu na minha sala de aula e que não pode se repetir. Um aluno julgou um menino do 3º ano, que era negro. Quando vi aquilo, não consegui acreditar, pois sabia que era racismo e sei que é um crime. Não sabia o que fazer, pois não é certo julgar um garotinho só porque ele não tem a mesma cor de pele que a sua. Não queria que isso se repetisse, porque, além de ser um crime, a escola também tem que ser um ambiente de apoio para as crianças, onde elas se sintam sempre confortáveis o suficiente.

Não pode mais acontecer a mesma coisa que aconteceu na minha sala em outro episódio, quando eu estava no 4º ano, em 2022. Uma menina não se sentiu confortável o suficiente para vir à escola! Ela só estudava em casa e perdeu todo o contato com os alunos da escola. No 5º ano, ela começou a ir de novo para a escola e me disse que não tinha vontade nem de sair da cama – quase ficou com depressão. Ela não me disse o porquê, mas acho que alguém estava falando mal dela. Ela ficou tão mal a ponto de, durante um ano inteiro, não vir para a escola. Depois disso, comecei a pesquisar sobre diferentes formas de fazer com que o ambiente escolar seja um local de boa convivência entre os alunos. Uma das causas de grandes conflitos entre alunos que eu vejo, que é bem simples, mas acontece muito, é pegar um material sem a autorização do dono. Até pode parecer simples, mas, um dia, um menino pegou a mochila de um colega e jogou-a. O problema foi que o computador do dono estava dentro da mochila e acabou quebrando.

Além disso, também pesquisei sobre formas de combate ao racismo na escola. Uma das coisas que apareceu, e até que é bem simples, foi fazer projetos sobre a cultura e a diversidade das pessoas. Isto influencia os alunos a combaterem o racismo e a não serem racistas. Outra coisa, também bem simples, é mostrar aos alunos a importância de respeitar as diferenças dos colegas.

Concluindo, podemos ver que há soluções muito simples para combater atitudes racistas. Não é nada difícil fazer essas coisas. Portanto, para colocar essas ideias em prática, pensei que cada turma da escola pode aprender sobre um tipo diferente de preconceito e fazer cartazes para espalhar pela escola inteira, falando sobre a importância de não ser preconceituoso.

Atenciosamente,

Isabela Diniz, do 6º ano B.

2º Lugar

Nome: Isabela Magalhães Pomarico (Morumbi)

São Paulo, 24 de maio de 2024.

Prezadas Amanda, Alana e Gisela,

Diante da situação que tivemos há alguns meses, em um dos jogos do Interclasses, envolvendo alunos de diferentes anos, resolvi escrever esta carta para promover uma conscientização. Primeiramente, gostaria de saber: já houve algum outro evento que gerou algum tipo de racismo, preconceito ou discriminação aqui no ambiente escolar? Se sim, quais foram as medidas tomadas pela escola diante dessa situação, tanto com quem foi atingido como com quem estava envolvido?

No meu dia a dia, eu não presenciei nenhum preconceito, discriminação ou racismo no ambiente escolar. Entretanto, já ouvi falar sobre um evento que aconteceu com pessoas atingidas que estão na 3ª série do Ensino Médio. Eu não estava presente quando o fato aconteceu, mas fiquei ciente do ocorrido através do e-mail que foi enviado aos pais, da palestra que tivemos sobre o assunto e dos comentários dos alunos. Em minha opinião, a escola deveria ser um ambiente protegido para os adolescentes e as crianças. Assim, os alunos se sentiriam incluídos e sentiriam que aqui é o lugar deles, independentemente de sua origem, etnia, cultura e até mesmo de qualquer deficiência intelectual ou física.

Uma possível solução para que esse tipo de episódio não aconteça novamente seria adicionar esse assunto no dia a dia dos estudantes, mostrar a eles que, às vezes, o que aparenta ser uma piada, para outra pessoa, pode soar como uma ofensa. É preciso ensinar sobre outras culturas, pois o conhecimento expandido ajuda a prevenir que episódios de preconceito ocorram. Isso porque não importa nossa origem; somos todos seres humanos e, devido a isso, merecemos ser tratados da mesma forma, com os mesmos direitos. Se o racismo acontecer novamente, é importante que a escola tenha um plano para dar suporte aos alunos atingidos e, também, que haja uma punição maior aos alunos envolvidos.

De acordo com uma pesquisa feita pelo IPEC, 38% das pessoas que são vítimas de racismo são atingidas nas escolas, faculdades e universidades. Isto mostra que esse assunto deveria ser trabalhado de diversas formas no ambiente escolar, com cartazes, campanhas antirracistas e a apresentação do tema nos diversificados componentes escolares desde os primeiros anos. Assim, os alunos irão se conscientizar e irão evitar esse tipo de situação, entendendo o que se deve fazer caso o presenciem dentro e fora da escola. É importante, também, falarmos sobre as marcas psicológicas e físicas, no caso de uma eventual agressão, que ficam nas pessoas que foram atingidas, podendo até causar a morte, em alguns casos. Se as pessoas tiverem essa consciência, elas não vão reproduzir e nem se envolver nesse tipo de ação. Assim, teremos uma sociedade mais igualitária para todos.

Aguardo ansiosamente a resposta de vocês. Atenciosamente,

Isabela Magalhães Pomarico, aluna do 6º ano C da unidade Morumbi.

3º Lugar

Nome: Olivia Herzog Drummond Santoro (Perdizes)

São Paulo, 24 de maio de 2024.

Querida coordenação,

Vocês consideram o Colégio Pentágono um lugar integrado? Onde pessoas diferentes se sentem confortáveis? Estou escrevendo com o principal objetivo de elaborar um texto que nos faça pensar sobre como as escolas, incluindo o nosso Colégio, lidam com o racismo no espaço escolar e sobre como nós podemos agir para ajudar a enfrentar esse problema.

No tempo que passei aqui, nunca percebi nenhum tipo de preconceito. Porém, isto, provavelmente, é consequência da falta de pessoas negras nas salas. Como já devem ter percebido, não temos muita diversidade. Contudo, nunca vi a reação de um aluno daqui diante de alguém negro. Porém, vejo que, sempre que os professores ou responsáveis da escola abordam esse assunto, existe muita docilidade vinda dos alunos diante desse tópico, notando a consciência e a delicadeza de todos perante o racismo e o preconceito que ainda habitam o mundo. A escola deve ser um lugar de conforto, visto que as crianças passam a maior parte de suas vidas nela. É onde adquirem inteligência, fazem amigos, aprendem a solucionar problemas e a lidar com as emoções. Se o aluno não tiver uma boa convivência na escola, isto pode prejudicar o resto de sua vida de um jeito ruim. Por exemplo: não ter uma boa condição financeira, ser antissocial e não ter companheiros para ajudar em momentos de necessidade.

Nesse processo, as escolas são uma das principais ferramentas para o equilíbrio e a igualdade no mundo, porque elas são o início do conhecimento e da sabedoria. Tudo que nós sabemos, desde a resolução de problemas e inteligência emocional até matemática e português, vem do ensino. Então, com exceção da companhia de outras pessoas, é um dos maiores tipos de intervenção sobre o futuro, de modo que o que nós aprendemos em classe ficará marcado em nossas vidas para sempre. Portanto, se as crianças aprenderem sobre a crença cristã, provavelmente, a maioria delas, quando virar adulta, vai crer nessa religião. Consequentemente, cabe aos professores ensinarem a História da África, dos quilombolas, falarem a respeito do racismo e do respeito necessário a pessoas diferentes.

Também é uma boa ideia fazer campanhas de diversidade, o que pode incentivar os alunos a pensar sobre o tema. Coordenadoras podem criar projetos em que gente diferente se encontra. É preciso, também, promover a inclusão de pessoas diferentes no Pentágono, por meio de bolsas ou até convites. Além disso, prestar bastante atenção no que está acontecendo é essencial para uma boa convivência entre alunos na sala de aula. Às vezes, fazem brincadeiras de mau gosto e depois falam que “era zoeira”. Na maioria das vezes, não é, mas as vítimas ficam assustadas e dizem que “está tudo bem”, pois sentem medo de contar e acham que iriam falar mal delas, ignorá-las, tratá-las mal. Enfim, cada um imagina algo. Devemos prestar mais atenção nos comportamentos, pois os mínimos detalhes podem indicar coisas grandes.

Para colocar essas ideias em prática, eu começaria promovendo a inclusão de pessoas que têm problemas em fazer amigos, por diversas razões. Gostaria de ajudá-las a se abrir para o mundo de forma que consigam se acostumar aqui e se aproximar das

peças. Também vou defender a diversidade quando alguém reclamar, fazer campanhas, entre outras coisas. Ao longo do caminho, vão aparecer oportunidades para ajudar e, quando der, eu me disponibilizo. Há certas pessoas do meu ano que não conseguem se enturmar, seja por características físicas ou psicológicas. E tenho certeza de que eu posso apoiá-las nesse processo de desenvolvimento, conversando, fazendo trabalhos, apresentando a outras pessoas. Mas o importante mesmo é colocar o plano em ação. Muita gente tem dó de certas situações, sabem que está errado, mas não fazem nada. Do que adianta se preocupar, mas não fazer coisa alguma?

A educação antirracista é importante para vivermos em humanidade. Como vamos crescer se não sabemos ter respeito com alguém de outra cor? Como vamos fazer altas tecnologias e sobreviver ao aquecimento global se não soubermos viver em sociedade, dando a todos direitos iguais? Se não sabemos lidar nem com o racismo, imagino com o resto dos problemas.

Temos que garantir um futuro para as próximas gerações, para que possam viver com a mesma dignidade com que nossa geração teve a oportunidade de viver.

Um abraço,

Olivia.

**7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL –
ANOS FINAIS**

1º Lugar

Felipe De Lucas Quinze (Alphaville)

Nohi e sua luta para salvar a floresta

Nohi, então, soou o sino da aldeia, que só era usado para momentos sérios e para chamar todos para o *shabono* central da aldeia. Assim que todos os moradores chegaram ao *shabono* central, o xamã perguntou quem tinha soado o sino. Nohi assumiu o ato como proposital e pediu a permissão para falar. Com a permissão concedida pelo xamã, ele começou:

– Olá, eu gostaria de pedir que todos nós fôssemos para as outras partes de nossa aldeia que, infelizmente, foram separadas.

Como justificativa, ele disse que, se todos se juntassem, eles, finalmente, poderiam expulsar os garimpeiros da aldeia. Todos começaram a conversar entre si; chegaram à conclusão de que essa ideia era muito perigosa e decidiram não ajudá-lo.

Decepcionado, Nohi voltou para seu *shabono* e foi falar com sua mãe. Ela disse que ele foi muito corajoso ao falar com a aldeia e que, algum dia, ele iria conseguir o que queria. Ele, então, pediu a permissão dela para, cuidadosamente, ir para as outras partes da aldeia e falar com os moradores. Muito preocupada, a mãe disse que, se ele fosse rápido e com muito cuidado, ela deixaria. Logo, Nohi foi arrumar uma mochila para partir em sua aventura.

Quando ele estava partindo, seu amigo Nishi foi perguntar a onde ele iria. Nohi contou sobre o plano para expulsar os garimpeiros ilegais e Nishi pediu para ir junto. Nohi deixou. Eles, então, partiram juntos. Depois de 30 minutos andando cuidadosamente, eles chegaram à segunda parte da aldeia, soaram o sino e esperaram que todos chegassem. Assim que todos chegaram, o xamã daquela parte da aldeia perguntou:

– Quem são vocês? E o que estão fazendo aqui?

Nohi respondeu:

– Eu sou Nohi e o meu amigo é o Nishi. Somos da primeira parte da aldeia. E viemos aqui para falar sobre um assunto sério.

O xamã, então, deu a eles a permissão para falar. Eles se apresentaram e falaram sobre o plano. Todos, como na primeira parte da aldeia, ficaram com medo do plano, mas Nishi disse:

– Eu sei que o plano pode ser perigoso, mas ficar vivendo em separação e com o risco da contaminação por mercúrio é mais perigoso ainda.

Todos concordaram e aceitaram ajudar a pôr o plano em prática. Nohi agradeceu e falou que, em breve, partiria para falar sobre o plano para a terceira parte da aldeia, mas disse que precisaria de ajuda para convencer a primeira parte. Todos concordaram. No dia seguinte, ele e seu amigo partiram para a terceira parte. Assim que chegaram, soaram o sino e falaram com os moradores. A terceira parte aceitou e todos eles – os grupos da segunda e da terceira partes – foram para a primeira parte da aldeia para convencer as poucas pessoas que faltavam a aceitar o plano. Após dois dias de muitas reuniões, todos aceitaram o plano e começaram a pensar em como expulsariam os garimpeiros.

Depois de muito tempo pensando, eles resolveram, durante a noite, prender as máquinas no chão utilizando cipós e furar os pneus com lanças. Quando voltaram para

a aldeia, pensaram que, finalmente, teriam uma madrugada tranquila, mas estavam errados. Um dos garimpeiros assassinou uma anciã da aldeia e, em choque, todos correram para seus *shabonos*. Após um dia, algumas pessoas começaram a se arriscar a sair de seus *shabonos*. Nohi e Nishi soaram novamente o sino e, dessa vez, quase ninguém saiu de suas casas e foi para o *shabono* central. Decepcionados, os garotos perceberam que teriam que resolver aquele problema sozinhos. Durante a noite, tiveram a ideia: Nohi iria se fantasiar de espírito e Nishi faria alguns barulhos macabros que sabia fazer com as mãos e a boca.

Na madrugada seguinte, eles foram para o local onde os garimpeiros estavam dormindo e começaram. Nohi corria muito rápido perto das cabanas, fazendo barulho de galhos quebrando e sombras nas cabanas. Enquanto isso, Nishi fazia os barulhos que sabia. Fizeram isso por quatro noites seguidas até que, finalmente, os garimpeiros fugiram e foram para muito longe.

Os dois, muito realizados, correram por todas as cabanas e deram a notícia, chamando todos para o *shabono* central.

Muito felizes, os moradores uniram as partes da aldeia novamente, comemoraram e honraram a coragem dos meninos. Todos voltaram a viver unidos, seguros e felizes.

2º Lugar

Nome: Maria Fernanda Cortizo Giraldi (Perdizes)

A luta de Nohi contra o garimpo ilegal em suas terras

Para fazer isso, pediu a ajuda da sua mãe para fazer panfletos e passar de casa em casa para espalhar uma mensagem. Neles, estava escrito: “O garimpo está nos matando e matando a natureza junto! É preciso pará-lo! Para fazer isso, vá para a loja de roupas da Yara e escreva seu nome na lista junto a este panfleto”. Yara é o nome da mãe de Nohi e ela tem uma loja de roupas, de onde vem o seu sustento. Ela ajudou seu filho colocando um papel e uma caneta ao lado de um panfleto na loja. Quem escrevesse o próprio nome seria chamado para ajudá-los em sua missão.

Aquele era um sábado e passaram o dia inteiro fazendo panfletos. No dia seguinte, iriam entregá-los. Nohi foi dormir mais relaxado, pois estava prestes a fazer uma diferença para todos na aldeia.

A mãe de Nohi o acordou e foram bem cedo entregar os panfletos. Então, acabaram o primeiro passo e o que restava, naquele momento, era somente esperar.

Então, uma semana se passou e Nohi estava esperançoso. Quando foi ver a lista, mais de cinquenta pessoas tinham se inscrito. Novamente, passaram em várias casas, porém, dessa vez, somente naquelas de quem estava listado. Todos se reuniram na casa de Nohi e ele explicou que queria parar o garimpo na aldeia e que precisava de ideias.

Todos concordaram e começaram a discutir. Tiveram muitas ideias:

– Vamos chegar a eles e dizer o que pensamos! – disse uma mulher.

– Vamos agredi-los! – gritou um homem.

Porém, isto não era a coisa certa a se fazer, já que, se usassem a violência, perderiam a razão, pois agiriam igual aos garimpeiros, que estavam violentando a natureza. Então, Nohi chamou a atenção de todos e disse que não poderiam resolver seus problemas dessa forma. Violência não é a solução. Então, três pessoas deram as seguintes ideias:

– Vamos denunciar os garimpeiros, pois o que eles estão fazendo é garimpo ilegal!

– Vamos nos juntar para limpar a natureza!

– Vamos expulsá-los das nossas terras! – E assim eles fizeram.

Nohi, sua mãe e mais dez pessoas do grupo foram até o governador de Roraima, pois é naquele estado que está uma parte das terras. Denunciaram os garimpeiros que estavam em suas terras. O governador disse que, na quarta-feira, a polícia ambiental estaria lá para prender os garimpeiros.

Na terça-feira, após a escola, o mesmo grupo de pessoas foi a uma tribo vizinha dos Yanomami, a Wai-Wai, para pedir água limpa e recursos de limpeza. Isso porque, com todo o rio Uraricoera contaminado, não era possível achar água limpa na aldeia. Por isso, os Yanomami se hidratavam e se alimentavam somente com os recursos que tinham em casa. A tribo Wai-Wai ajudou Nohi e, ainda, algumas pessoas da aldeia foram junto com os Yanomami para ajudá-los na missão.

À noite, quando os garimpeiros não estavam presentes, todo o grupo, com mais vinte pessoas da tribo vizinha, ou seja, setenta pessoas, foram limpar o rio Uraricoera. Eles usaram baldes de madeira para tirar o barro e o mercúrio da água e, para não se

contaminarem, estavam usando luvas feitas pela mãe de Nohi. O mercúrio é um metal tóxico usado no garimpo que, nos piores casos de contaminação, provoca a morte.

Após tirar a sujeira, colocaram água limpa e potável no rio e, assim, ele ficou limpo de novo. Antes de ir para casa, desfrutaram da água e juntaram mais recursos para deixar em casa, somente por precaução.

Ao acordar, Nohi estava se arrumando para a escola, até que ouviu garimpeiros reclamando, pois a água estava sem mercúrio e isto dificultava muito o seu trabalho. Então, em menos de 10 minutos, foi chamar todo o grupo para expulsá-los de lá.

Após se reunirem, Nohi chegou e gritou:

– Oi, garimpeiros! Alguma coisa faltando aí? – Eles responderam:

– Sim, o mercúrio! Por que a pergunta, garotinho? – Então, ele respondeu:

– Porque eu, quer dizer, nós – e todos apareceram atrás dele – tiramos ele daí.

Nós fizemos isso, pois vocês destruíram nossas vidas! Nossos recursos de sobrevivência vinham todos do rio. Vocês contaminaram as árvores e os animais! Agora, estamos passando fome, pois todos foram contaminados por mercúrio.

Os garimpeiros ficaram chocados e tentaram avançar sobre Nohi, mas o grupo o protegeu. Um homem disse:

– Vocês não vão a lugar algum. – Então, de repente, ouviram sirenes de polícia.

A polícia ambiental chegou. O homem que falara era o xamã da tribo.

Então, felizmente, os garimpeiros foram presos e a aldeia conseguiu viver pacificamente de novo. Além disso, os governos do Brasil e de Roraima ficaram atentos a mais denúncias de garimpo ilegal e começaram a procurar atividades ilícitas, o que ajudou não só os Yanomami, mas também terras indígenas de todo o país.

3º Lugar

Nome: Laura De Souza Apolinário (Perdizes)

Nohi, o capitão da luta contra os garimpeiros

Nohi, muito triste com essa situação, passou alguns dias pensando em como ele iria tirar os garimpeiros de suas terras. Então, em uma tarde chuvosa, com o barulho das máquinas usadas pelos garimpeiros ao fundo, Nohi tinha acabado de ter uma ideia, mas precisava conversar com toda a sua aldeia antes para ter certeza de que era a coisa certa a fazer. Então, no amanhecer, marcou uma reunião com toda a sua aldeia.

Com todos aqueles indígenas, Nohi começou a falar as suas ideias:

— Bom, eu chamei todos vocês aqui para falar desses garimpeiros que estão invadindo nossa terra. Todos vocês sabem que, há muito, muito tempo atrás, os nossos antepassados já moravam nestas terras, mas, de uma maneira muito triste e brutal, o governo e os garimpeiros foram tirando-as de nós. Não podemos deixar isto assim. Precisamos tirar os garimpeiros daqui e tomar de volta o que é nosso! E, hoje, não estou aqui só para falar, também estou aqui para ouvir vocês. Então, por favor, quem tiver alguma ideia para tirar essas pessoas horríveis de nossas casas, peço que levante a mão.

Assim que o menino falou, uma mulher que estava em uma das últimas fileiras levantou a mão e disse:

— Acho que podemos mandar uma carta ao governo, explicando tudo o que está acontecendo e pedindo que eles tomem providências contra esses garimpeiros.

— Já mandamos muitas cartas desse tipo para o governo e, mais uma vez, eles não vão fazer nada a respeito! – Disse outra mulher na primeira fileira.

— Não! Nós precisamos chegar lá e atacá-los! – Falou um homem bem no meio de todas aquelas pessoas. E, assim, começou uma grande discussão entre todas as pessoas naquela oca. Então, de repente, entre todas as pessoas gritando, Nohi bradou:

— Chega! Escutem-me, por favor. Eu preciso de vocês! Como meu já falecido avô diria, a ameaça mais perigosa de um inimigo é que ele te coloque contra os seus próprios aliados. Então, não podemos brigar desse jeito. Precisamos nos unir mais do que nunca, pois somos mais fortes juntos!

Nesse momento, todos começaram a aplaudir e conseguiu-se ouvir uma voz lá do fundo daquela multidão. Ela disse:

— Eu acho que o Nohi deveria liderar esta luta: a luta contra os garimpeiros.

Nohi era conhecido em sua tribo por ser um menino muito esperto para sua idade. Logo, todos começaram a falar que concordavam com a ideia de Nohi ser o capitão dessa batalha e começaram a aplaudir de novo.

Então, Nohi começou a contar seus planos para a aldeia:

— É o seguinte: nós não vamos conseguir que eles saiam só pedindo e também não podemos matá-los. Isto seria contra tudo aquilo em que acreditamos. Então, acho que a única alternativa é assustá-los tanto, mas tanto, que eles irão sair correndo daqui e nunca mais irão voltar. Então, quem concordar com esta ideia, por favor, levante sua mão.

No mesmo segundo, todos levantaram as mãos e, depois, passaram o resto da tarde pensando em como poderiam assustar os garimpeiros.

Toda a aldeia passou aproximadamente uma semana se preparando para se livrar de vez dos garimpeiros. Então, tinha chegado o dia: exatamente às duas horas da tarde – o horário de pico no local de garimpo – foram com muita determinação.

Primeiro, eles ficaram atrás das árvores, só observando todos aqueles homens trabalharem e carregarem sacos e mais sacos de ouro nas costas. E, no momento certo, partiram para cima dos garimpeiros com tochas e lanças nas mãos, usando máscaras assustadoras. Gritavam como se não houvesse amanhã! Foi realmente uma cena muito assustadora para todos que estavam presentes. Mas a intenção deles não era machucar ninguém, só fazê-los fugir para sempre e se arrepender de terem feito aquilo com uma comunidade inteira. Alguns homens tentaram levar alguns sacos de ouro embora, mas logo desistiram e jogaram-nos no chão.

Depois de muito tempo, eles tinham conseguido espantar todos os garimpeiros, mas, infelizmente, aquelas terras já estavam muito prejudicadas. Ainda assim, todo o dinheiro que Nohi e sua família conseguiram com o ouro deixado para trás foi investido na reconstrução daquela área. Várias ONGs se sensibilizaram e outras até foram criadas para ajudar na reconstrução.

Aos poucos, a água foi se descontaminando, as plantas voltaram a crescer e os animais estavam voltando. Nohi e toda a sua aldeia ficaram extremamente felizes. Fizeram várias festas e eventos para comemorar. Mas Nohi ainda sentia uma pequena tristeza quando lembrava que ainda havia outras tribos indígenas que estavam passando ou ainda iriam passar pelo mesmo problema. Então, Nohi fez uma promessa a si mesmo: ele prometeu que, quando crescesse, iria conscientizar as pessoas e levar esse assunto para mais lugares; iria garantir que, nunca mais, nenhum povo teria que passar por isso. Este pode parecer só o fim de uma luta, mas, para nós, era só o começo da jornada para proteger os indígenas.

**8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL –
ANOS FINAIS**

1º Lugar

Nome: Mariana Ribeiro Salomão (Alphaville)

Nenhuma experiência é única

É comum andar de carro, de táxi, pegar caronas, andar de bicicleta, a pé e, nesse meio tempo, encontrar crianças desabrigadas. Esta é a minha realidade atual. Porém, há duas semanas, em meio a uma ida à casa dos meus tios, eu presenciei muitas crianças sozinhas, com frio e um olhar vazio, sentadas à beira da calçada de uma rua. Para mim e, provavelmente, para você também, esta seria somente mais uma cena repetitiva do cotidiano.

O sinal fechou e fiquei parada em frente a essa situação por alguns demorados minutos. A primeira coisa que notei foi uma criança, com aproximadamente oito anos, cuidando de um neném recém-nascido. O frio e a chuva gelada faziam o neném agonizar e chorar. Aquela cena partiria o coração de qualquer um. Só que, naquele momento, além de tristeza, eu senti culpa, afinal, nenhum de nós acha legal presenciar tais experiências. Eu nasci perto do Vale do Ribeira e, com cinco anos de idade, fui abandonada pelos meus pais. Sempre fui uma criança esperta, então, sabia me localizar. Entrei para o mundo do crime – ou nem tanto assim – e comecei a furtar alguns pães e bolos de padarias próximas ao barraco que eu chamava de casa. Quando tinha sete anos, a polícia me descobriu e me mandou para um abrigo de menores. A vida lá era difícil, com muitas brigas e quase nenhuma comida. Muitas vezes, passei frio, fome, sono, angústia, solidão... Quando fiz oito anos, uma família da zona oeste de São Paulo me adotou. Depois do período de adaptação, esta foi a melhor vida que eu poderia imaginar. Nunca mais passei fome, frio ou sofri com falta de amor e de companhia. A vida na rua é muito difícil. A todo momento, você está sujeito a sofrer maldades, sequestros, estupros e roubos. Ter que estar alerta a tudo isso, com apenas oito anos, não é nada que alguma criança mereça, não acha?

Ao reparar, de fato, naquelas crianças, a minha única reação foi chorar. Foi muito difícil me lembrar de tudo que eu já tinha vivido, de todas as memórias e amizades falsas e verdadeiras de que fui separada no meu caminho. Não pense que estava sendo ingrata – a minha vida atual é incrível –, mas ver crianças sofrendo assim, como eu fora, e não poder ajudá-las, alugou um triplex na minha cabeça. Pior do que isto, foi perceber que, há muito tempo, eu não pensava mais sobre essa situação. Não procurei ajudar ou apoiar instituições como aquela que me ajudou. A pior parte foi a culpa de, depois de ter entrado em um nível superior da sociedade brasileira, esquecer de onde vim, de onde cresci e do lugar em que morei por muito tempo. Por muito tempo, eu tive vergonha da minha história e tentei deixá-la cair no esquecimento, mas percebi que isto é parte de quem eu sou. No mundo, existem muitas pessoas, raças, etnias, culturas, nacionalidades e todas elas merecem o mesmo respeito. Mas parece que muitos dos meus amigos novos não entendem isso e, sinceramente, eu não os culpo. Afinal, se eu, que vivi isso, tive vergonha de contar – e até hoje muitas pessoas próximas de mim não sabem da minha própria história –, não teria como eles, brancos, ricos, alienados e frescos entenderem o sofrimento que uma simples fala de sua parte pode causar em mim.

Eu, mais do que muita gente, sabia o sofrimento daquelas crianças e também sabia que ajudar um desabrigado não era fácil. Muitas vezes, o dinheiro que me davam,

pensando que seria destinado às minhas necessidades, era roubado por algum babaca da minha região. E isto acontecia mais do que você consiga imaginar. O melhor jeito de ajudar é direcionar o dinheiro para pessoas e ONGs famosas e confiáveis. Entre dar dinheiro ou doações, comida e abrigo, sempre opte por doações, comida e abrigo. Então, foi isso que eu fiz. Comecei a falar mais sobre o assunto, conscientizar as pessoas ao meu redor, dar o meu testemunho e arrecadar dinheiro. Mesmo com receio, a ideia que me guia está nas pessoas que sentem medo ao dormir à noite, ou que acordam e veem o irmão morto ao lado. Mesmo que, atualmente, eu não possa resolver problemas mundiais, pelo menos aqueles que estão perto de mim eu posso tentar amenizar. Depois de refletir sobre essa situação específica, eu me lembrei de que nenhuma experiência é única. Lembrei-me de que, com empatia e coletividade, podemos resolver, ou ao menos amenizar, muitos problemas que a sociedade carrega, ajudando crianças com autismo, pessoas com síndrome de down, negros, brancos, homossexuais, héteros, mulheres, homens, católicos, judeus, muçulmanos, americanos e russos. Porque, no final, tudo que nós queremos é um lugar confortável e ameno para viver.

2º Lugar

Nome: Luna Marques Cardoso (Perdizes)

A felicidade nas nossas pequenas coisas

Há alguns anos, perto do natal, quando eu ainda era uma criança e não tinha muita noção das coisas, meus pais pegaram todos os meus brinquedos esquecidos. Aqueles com que você brinca por um tempo, mas perdem a graça e você joga no fundo do armário, sabe? Eu tinha muitos desses brinquedos, então, nem percebi direito quando todos eles foram guardados dentro de imensas caixas. Só fui realmente me dar conta disso quando minha mãe me mostrou um vídeo dela e do meu pai entregando-os, em cima de um caminhão lotado, para uma multidão de crianças em situação de rua. Na época, eu não entendi direito a euforia daquelas crianças em receber brinquedos que eu achava tão sem graça, brinquedos que eu havia ignorado. Assim como muitas daquelas crianças são ignoradas diariamente.

Hoje em dia, eu percebo quão importante foi aquele momento, quantas crianças sentiram a alegria de brincar com alguma coisa, por mais simples que fosse. Quanto aquele simples gesto, para o qual eu nem tinha ligado muito, havia impactado a vida delas e quanto aquilo que eu deixei para trás se tornou parte do mundo de outra pessoa. Às vezes, coisas que não julgamos importantes podem significar tudo para outra pessoa. Eu sei que, nessa sociedade capitalista, em que quase tudo se resume a dinheiro, temos uma vida bastante apressada e queremos vender tudo. Mas, se pararmos por um tempo e fizermos um gesto tão simples como dar para alguém algo de que não precisamos, haverá um grau muito maior de importância, muito maior do que simplesmente vender o objeto por um preço barato no site do *Enjoei*.

E não digo isto só para crianças. Qualquer pessoa que é considerada, supostamente, escória precisa de ajuda. Por mais que saibamos disso, por que não os ajudamos? Digo isto, pois, depois da situação da doação dos brinquedos, posso contar nos dedos da minha mão direita quantas vezes eu ou os meus pais ajudamos uma pessoa ou um grupo de pessoas em situação de rua. Pessoas que perderam tudo e, talvez, nem tenham tido culpa. Pelo simples fato de a pessoa não ter um teto para morar e uma comida para se alimentar, isto a torna menos humana do que a gente? É claro que não. Mas, mesmo assim, optamos por manter distância, optamos por ignorá-las, optamos por esquecê-las, como se fossem mais um entre todos os nossos itens perdidos no fundo do armário.

A diferença é que elas pensam, elas sentem, elas vivem. E, ao invés de estarem no fundo da gaveta, essas pessoas estão bem diante de nossos olhos, tentando superar a própria desgraça. Travam uma batalha que nenhum de nós pode sequer imaginar. Eu lhe pergunto, você já sentiu frio? Mas não é frio daqueles que você sente quando esquece seu casaco em casa. Eu estou falando de frio de verdade, quando suas roupas estão todas rasgadas e o chão embaixo de seu corpo está mais frio do que o vento que sopra na sua cara. E o pior disso tudo? A impotência de não poder fazer nada.

Sei que, mesmo com toda essa minha reflexão, ainda andarei pelas calçadas sem nem olhar para a cara daqueles que estão encolhidos no chão. Ou, talvez, eu até chegue a carregar um ou dois pacotes de biscoito para entregar a alguém, mas isto apenas funcionaria por uma ou duas semanas, até eu abandonar a prática por perceber que preciso do dinheiro que gastei para comprar os biscoitos. Mas, com certeza, procurarei

ajudar do meu jeito, apoiando alguma ONG ou separando doações a cada mês. E acho que todos deviam fazer isto também: ajudar do seu jeito. Eu sei que, às vezes, não estamos em boas condições também, mas sempre há algo que possamos fazer. Afinal, nunca se sabe quando pode ser a nossa vez.

3º Lugar

Nome: Gabriella Oliveira Dib (Alphaville)

O mundo real

Para mim, Alphaville é como uma bolha. Uma bolha que, pelo menos no meu ponto de vista, fica isolada não só de São Paulo, mas do mundo real. Aqui, não vemos moradores de rua, há pouquíssimos crimes e pouquíssimos roubos. Por isso, sente-se aquele incômodo ao sair desse confortável e seguro bairro e passar o dia nas ruas de São Paulo. Ver, mesmo que de longe, muitas coisas que não vemos no dia a dia mostra um pouco mais como é o mundo atual.

Na maioria das vezes, apenas passamos a distância, com nossos carros chiques e caros que estão com o aquecedor ligado nos 27 graus. Naqueles dias cinzas e congelantes, vemos apenas pela janela levantada do carro as inúmeras crianças que levantam cartazes de papelão quando o semáforo fica vermelho, com a esperança de conseguir pelo menos 10 reais para ter o que comer depois de passar o dia inteiro a escutar o barulho de suas barrigas roncando. Crianças com frio que, por usar apenas um shorts e chinelos rasgados, não sentem mais seus dedos dos pés ou das mãos. Crianças com medo do perigo que correm e das mãos erradas nas quais elas podem cair. Crianças com outros diversos problemas que nem imaginamos. Às vezes, até paramos e refletimos: onde estão os pais dessas crianças? Qual a justificativa para tanto sofrimento? Por que ninguém ainda parou e as ajudou? Ficamos tristes, agradecemos por termos onde morar e, logo depois de o sinal do semáforo ficar verde, seguimos nossas viagens de carro.

Em um dia tranquilo e bem quente na praia, com minha família, uma criança parou em nossa barraca e pediu que a escutássemos falar por um minuto. Ela vendia alguns chicletes e balas. Lembro-me muito bem de como era magra e de que carregava enormes cansaço e tristeza em seu olhar. Lembro-me de imaginar como seus pés descalços deviam ficar cheios de bolhas naquela areia quente, como ela estava aguentando todo aquele sol em sua cara e como ela devia estar com sede e com fome. Então, ela começou a falar com a voz trêmula e inocente. Disse que sua irmã mais nova tinha desaparecido há meses e que sua mãe estava fraca, doente e cansada. Já não conseguia dinheiro nem para comer e disse que nunca tinha nem conhecido seu pai. Disse que ela já estava há três semanas vindo todos os dias àquela praia tentar conseguir algum dinheiro para ajudar sua mãe a comer. Escutamos a história e demos o dinheiro que tínhamos naquela hora.

Felizmente, muitas vezes, já vi meus pais ajudando crianças de rua. Dão dinheiro e, às vezes, até a comida que conseguem dar. Mas aquela situação me marcou, não só pela triste história da menina, como também pelo fato de eu me imaginar naquela situação. Como se fosse eu, tendo que fazer o que conseguisse para ajudar minha mãe doente, sem conhecer meu pai e sem saber onde estava minha irmã. Sofrendo, passando fome, sede e queimando debaixo daquele sol de rachar. Mais triste do que saber que a situação da garota que vendia balas é apenas mais uma em meio a 150 milhões de histórias como aquela é saber que tem gente que pode ajudar e não ajuda. Gente que, além de ignorar, vê maldade e faz coisas piores. Gente que nem deveria ser considerada gente.

Até porque, sempre que possível, é isto que devemos fazer: colocar-nos no lugar do outro e ajudá-lo da forma que conseguimos. Abrir nossos corações e entender que a empatia é o que nos faz verdadeiramente humanos é a ponte que conecta uns aos outros. Precisamos enxergar o fato de que somos todos humanos e de que devemos todos ter os mesmos direitos e oportunidades. Todos sentimos. Todos sofremos tanto quanto amamos. E, principalmente, todos merecemos chances.

**9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL –
ANOS FINAIS**

1º Lugar

Nome: Ana Claudia Abate Scarpinella Bueno (Perdizes)

A paixão da racionalidade

Nós já nos deparamos com muitas explicações sobre o que é ser humano. Muitos já tentaram explicar e com certeza, já ouvimos coisas como: “o ser humano é aquele que tem consciência de sua própria existência”; ou “o ser humano é aquele que entende a vida e a morte, bem como sua importância”. Embora cada um tenha uma visão distinta sobre a humanidade – e nenhuma esteja decisivamente errada –, todas elas, de certa forma, relacionam o ser humano com a vida, com a existência e com a paixão. E uma coisa é certa: não há vida sem paixão e sem comunidade. Portanto, a mera tentativa de explicar a humanidade e até de carregá-la vem de perceber a si mesmo em um mundo com o outro e a própria paixão presente nisso.

Somos realmente grandes seres. Se pararmos para pensar de onde saímos e onde estamos agora, veremos como somos uma espécie que pode se adaptar a qualquer situação e que tem a capacidade de modificar o ambiente para o seu próprio bem-estar. Mas de onde vem tudo isso? De onde vem tanta necessidade de ser grande, de conseguir superar todos os desafios que, inevitavelmente, a vida nos impõe? Vem da iniciativa – e a iniciativa começa na empatia e na vontade. Se olharmos de volta para 2020, por exemplo, e refletirmos sobre a catástrofe que o mundo enfrentou na pandemia de Covid-19, podemos nos perguntar: como saímos daquilo? Não podemos negar que, com certeza, a situação melhorou muito após a vacina. Várias técnicas diferentes uniram cientistas de diversas partes do planeta com um único objetivo em comum: desenvolver a vacina que tiraria o mundo da pandemia e salvaria milhões de pessoas.

Esses pesquisadores são pessoas que nem conhecemos, mas que sabiam que queriam mudar o mundo, que tinham a vontade de alcançar mais. Acima de tudo, queriam ajudar outros seres humanos. A pandemia pode ter acabado por causa do avanço científico, mas ela acabou, principalmente, porque fomos humanos e vimos o que cabia a nós para salvar a humanidade do outro. O que nos salvou foi enxergar no outro a nossa própria humanidade.

É claro: não podemos, de forma alguma, negar o nosso vasto conhecimento. Conhecimento esse que nos fez ser racionais o bastante para evoluir e, certamente, construir muito do que existe em nossa realidade atual, construir o que pode ser parte da própria definição de ser humano. Talvez, nenhum outro povo saiba tanto sobre história, matemática, filosofia e arte como nós sabemos. Mas o que nos leva a tudo isso não é a racionalidade. É a paixão pelo outro e pelo mundo em que vivemos. Como disse o personagem de Robin Williams, no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, de Peter Weir: “Não escrevemos porque é bonitinho. Escrevemos porque somos membros da raça humana e a raça humana está impregnada de paixão”. Tudo o que construímos, tudo o que fizemos foi porque, em algum momento, percebemos que as relações humanas eram complexas. Foi porque percebemos que formávamos algo bem maior, foi por pura paixão à espécie. Também podemos citar como outro exemplo William Shakespeare, um grande ícone da literatura, que moldou a base de nossos saberes, mas que nunca poderia ter escrito uma de suas obras mais famosas – *Romeu e Julieta* – se não tivesse pensado no amor e no ódio. Se não tivesse pensado em como o amor de duas pessoas e, portanto, na humanidade de sua relação, pode paralisar tantas outras relações e

modificar uma realidade. Sem isso, provavelmente, não saberíamos nada de literatura e, quem sabe, seríamos até menos racionais, porque essa obra de Shakespeare e muitas outras, de outros autores, não existiriam. Ou seja, sem as relações interpessoais humanas e a humanidade que enxergamos no outro, muito de nosso conhecimento não existiria e, assim, nosso mundo não seria o mesmo.

Todas as ciências são importantes para a raça humana, pois já fazem parte de nossa vida e são necessárias a ela. Mas o sentimento, poder sentir o outro, é aquilo que nos desperta a paixão, aquilo que será responsável por nos tornar cada vez maiores, como a nossa espécie já é. A resposta que procuramos como explicação sobre o que é ser humano, talvez, esteja no amor que cada um vê em si mesmo e no outro, e não na racionalidade.

Dependemos uns dos outros para que haja meios de seguir em frente com a vida. Para que possamos evoluir, antes precisamos de alguém ao nosso lado que nos permita mudar. Precisamos de uma pequena fagulha na realidade que, com a quantidade certa de força de vontade e paixão, mudará os rumos da história humana. A nossa humanidade é a paixão que vemos no outro.

2º Lugar

Nome: Lucas Sachs Turci De Camargo (Morumbi)

Ad hominem

No início da década de 1960, Harry Harlow, um pesquisador estadunidense, conduziu uma série de experimentos com o intuito de estudar os efeitos do isolamento social em infantes. Para isso, Harlow separou macacos recém-nascidos de suas mães. Depois, colocou os filhotes numa jaula, com dois objetos. O primeiro era uma armação de arame, longe de ser um abraço confortável, mas que continha uma mamadeira abastecida e poderia fornecer aos recém-nascidos uma nutrição básica. O segundo era outra armação, feita à feição e à semelhança de um macaco, coberta por um pano aconchegante. A ideia era que a primeira “mãe” oferecesse as necessidades biológicas básicas, enquanto a segunda oferecia aos macacos aquilo que, supostamente, era menos importante: apenas a figura materna calorosa.

Para a surpresa dos pesquisadores, apesar de ser a escolha mais desfavorável do ponto de vista de sobrevivência, todos os macaquinhos preferiram a “mãe” de pano. Isto revela algo essencial sobre a natureza do apego e do amor: ele não é um elo feito por conveniência biológica, mas sim um sentimento inerente à humanidade. É algo que nos torna humanos.

Apesar de os experimentos terem sido feitos com nossos parentes primatas, a tendência de privilegiar o que é emocionalmente favorável em detrimento do que é biologicamente vantajoso, às vezes um tanto quanto contraproducente, também é inata ao ser humano. Nas ruas, vemos milhares de pessoas ignorando necessidades físicas humanas, como alimentação, proteção física ou abrigo, pelo prazer a curto prazo induzido pelas drogas. Da mesma forma, tantas outras vezes vemos pessoas arriscando suas vidas por aqueles que nem sequer conhecem, ou então por conceitos inventados pelo homem, como ideologias e nações. Isto demonstra que, para muitos de nós, há um elemento mais importante do que a própria vida, seja ele qual for.

Isto desafia a noção científica de que a máxima de qualquer vida é sobreviver e se reproduzir. Se fosse assim, não haveria cracolândia, pilotos kamikaze ou a Cruz Vermelha. Não cuidaríamos dos velhos e dos deficientes e não faríamos jejuns e sacrifícios em nome dos deuses adorados pelo homem. A humanidade não é guiada pelo racional, mas sim pelo emocional. Nossas leis e nossos valores não são guiados pelo que consideramos benéfico para a sobrevivência da espécie, mas pelo que consideramos justo e bom de acordo com nossa moralidade interna.

É certo que há um alarmismo por aqueles que consideram que o amor, a justiça e a conexão humana estão mortos ou prestes a acabar. De certa forma, este alarmismo sempre existiu, desde o início da civilização. Outro aspecto natural ao ser humano é a crença de que ele vive o *armageddon*, ou seja, o fim da humanidade como a conhecemos. E, embora muitos estejam exagerando ou, no mínimo, sendo precipitados, também é verdade que, em algumas formas, a espécie humana, nos últimos anos, tornou-se mais dividida e isolada do que fora há muito tempo. A polarização política e a consolidação do capitalismo como *modus operandi* econômico e cultural pelo mundo vêm, gradualmente, afastando-nos de nossos vizinhos desde a Revolução Industrial. Pode-se dizer que esse processo foi exacerbado pelo egoísmo cultivado na era das redes sociais.

Mas, da mesma forma, tornamo-nos ainda mais unidos pela globalização e pela chegada da Internet. Pessoas do outro lado do continente, agora, podem se comunicar e se conectar devido ao alcance geral das redes. Podemos compartilhar nossa humanidade com aqueles que são completamente diferentes de nós. Movimentos sociais, como o *Black Lives Matter*, não teriam ganhado embalo pelo mundo todo em outra época; e a luta contra o aquecimento global não seria tão forte se não pudéssemos nos identificar com aqueles do outro lado do oceano.

Às vezes, esquecemo-nos de que somos todos humanos. Certa vez, Joseph Goebbels, propagandista do regime nazista de Adolf Hitler, proclamou: “Certamente, os judeus são um povo. Mas não são humanos”. Para Goebbels, bem como para boa parte dos alemães daquela época, em geral, o fato de que o povo judeu divergia deles culturalmente era sinônimo de inferiorização e de menor humanidade em relação aos germânicos, supostamente, uma “raça-pura”. Infelizmente, o mesmo pensamento ainda existe hoje e é responsável pela divisão ressentida por tantos membros da nossa espécie.

No final, a solução para os problemas que acometem a humanidade é lembrar que, apesar de nossas diferenças, somos todos humanos, guiados pelos mesmos princípios e com os mesmos fins.

Nos termos da lei, utiliza-se a expressão latina *Ad hominem* para designar um golpe baixo, um ataque pessoal que invalida qualquer possibilidade de debate ou discussão civilizada. Com todo respeito aos meritíssimos, esse termo pode ser ressignificado para se dirigir diretamente à humanidade em geral, sem olhar para as especificidades de cada um, sejam elas de posição social, de etnia ou de origem. *Ad hominem*. Talvez o mais importante a se lembrar é que o respeito e o amor, sobretudo, devem prevalecer. Não podemos perder de vista o que nos faz humanos.

3º Lugar

Nome: Livia Balieiro Daidone (Perdizes)

O que faz parte da humanidade?

Não é segredo que todos nós descendemos de um distante parente comum que evoluiu dos primatas africanos. De certa forma, todo mundo é igual; mesmo que as semelhanças não sejam aparentes, nós somos iguais no sentido de humanidade. Desde nossa infância, dependemos de alguém: primeiro, dos nossos pais, e isto continua pelo resto de nossas vidas. A necessidade do ser humano de estar sempre inserido na coletividade é o que realmente forma a humanidade. Ela pertence a cada indivíduo que nasce e não deve ser retirada por ninguém. Hoje em dia, a perspectiva de ser completamente independente, alheio a todos, está se popularizando. Estamos perdendo a ideia de construção de uma sociedade humana e fraterna. Nós não podemos perder a habilidade de se enxergar e de se espelhar nos outros.

A projeção que é criada quando nos espelhamos uns nos outros é fundamental para nos tornarmos conscientes de quem somos. Isto ajuda a nos tornarmos pessoas melhores, de uma forma geral, e melhorarmos como um conjunto e como sociedade. Ao repararmos em um defeito de outra pessoa ou de outro grupo de pessoas, é natural que busquemos evitar fazer o mesmo. Essa mesma filosofia se aplica, também, no sentido positivo: a qualidade de alguém acaba nos inspirando para nos tornarmos pessoas melhores – o clássico “gentileza gera gentileza”. Se a prática de viver sozinho e de diminuir a interação entre pessoas se popularizar, tal efeito será perdido, resultando em uma sociedade mais defeituosa.

Além disso, a interação entre humanos é indispensável e primordial para a construção do nosso caráter pessoal. Para a sobrevivência de um ser humano, não é só preciso ter água, alimento e um lugar para descansar; relações de amizade, fraternidade e amor também são essenciais para nossa felicidade e nosso bem-estar. Algumas situações do cotidiano também ajudam a nos encontrarmos como pessoas e a formar a nossa personalidade. Por exemplo, uma briga entre amigas ou um término de relacionamento fazem o indivíduo crescer e ser uma pessoa melhor, aprendendo com seus erros e seguindo em frente, aberto para novas relações que, talvez, podem se apresentar como uma nova paixão que se seguirá pelo resto da vida. É exatamente dessa forma que nós descobrimos qual papel queremos desempenhar para melhorar a sociedade: se queremos ser astronautas, professores ou economistas.

Houve uma época em que esse recurso fundamental das pessoas foi retirado delas por meio de tortura, de trabalho escravo e da inferiorização apenas por conta de cor de pele, país de origem, gênero, etnia, religião e outras características únicas de cada indivíduo. Infelizmente, isto ainda acontece no mundo contemporâneo e esse tipo de comportamento deve ser extinto o mais rápido possível. Tirar a humanidade de uma pessoa significa ignorar tudo que esse indivíduo pode ser, toda a sua capacidade de pensar e revolucionar, apenas porque cogita-se um suposto tipo de superioridade natural, que é inexistente. E isto cria diversos problemas em nossa comunidade, como a vulnerabilidade.

Em suma, acredito que, se perdermos o costume de falar com pessoas e de praticar a projeção de outros indivíduos sobre nós mesmos, o mundo ficará ainda mais cheio de problemas, já que precisamos aprender a lidar com todos os tipos de pessoas

e a formar uma humanidade digna de admiração. Mas o que deve ser erradicado é o preconceito e o ódio, que apenas dividem o mundo e causam sofrimento.

1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

1º Lugar

Nome: Beatriz Luchesi De Mello Morais (Morumbi)

Sentir é liberdade

Ando depressa pelos corredores da grande rede de laboratórios que, a esse ponto, conheço como a palma da minha mão. Ao olhar de soslaio para uma das janelas, vejo o reflexo de uma menina; os olhos já grandes, magnificados por óculos dourados, que ameaçam escorregar pelo nariz. Passo os dedos por meus cachos, longos e castanhos, após ajustar meus óculos, e torno a olhar o caminho. Coloco a mão de volta no bolso do jaleco e sinto conforto ao apertar a bolinha fria que carrego comigo a todo instante – um objeto de minha própria invenção, que já me serviu inúmeras vezes: uma compacta bomba de fumaça.

Luiz, um colega de pesquisa, havia me convidado para ver um de seus projetos recentes – e da forma que disse, não me pareceu exatamente um convite. Ao chegar à porta de seu laboratório, com minha respiração um tanto errática, entro de imediato. O ambiente está, como de costume, tão limpo e organizado que chega a ser estéril; o cheiro opressivo de produtos de limpeza pesa o ar.

– Alice! Pensei que não viria mais! – diz, logo que me vê.

– Bom, tinha de vir, não tinha? – respondo com a maior naturalidade que consigo encontrar, mas sinto um desconforto inexplicável...

– Claro, claro... Venha!

Ele me conduz um pouco mais para dentro do laboratório e pega uma caixinha preta – dela, tira um frasco com um líquido laranja.

– Isto... Vai revolucionar a humanidade. Esse soro possui *nanochips* embedados com uma inteligência que se comporta *exatamente* como um humano – com exceção dos *sentimentos desagradáveis*. De resto, possui sua inteligência lógica, é capaz de processar inúmeras tarefas, simula a cooperatividade. Usando-os para substituir pessoas, a produtividade das empresas disparará!

– E... o que acontece com o resto das próprias pessoas?

– Bom... – diz, ao andar pelo laboratório. – Acontece que o sistema não consegue sobreviver por fontes inorgânicas. Funciona como uma espécie de parasita, na realidade. Ele se instala em um ser humano e toma conta de sua forma física: basta injetar o soro na pessoa. Não é fascinante?!

Fico horrorizada. Por alguns segundos, não consigo dizer nada: tomar conta da forma física de uma *pessoa*?!

– Você enlouqueceu?! – pergunto ao me recompor, sentindo uma pontada de fúria. – São *pessoas*, com *vidas* – não objetos! Não está no *seu* direito fazer isso com *qualquer um*! É *monstruoso*! – grito.

Ele suspira.

– Olha... Senti que você iria reagir mal... E, por isso, te trouxe aqui - não para contemplar minha criação, mas participar dela. Afinal, quem seria mais provável de me impedir do que você? – com isso, rapidamente, abre um gabinete e pega uma seringa, cheia do mesmo líquido. Sinto-me empalidecer de medo – Você nem se lembrará de nada... Toda a dor, toda a tristeza desta vida... desaparecerão. Diga adeus para os sentimentos.

Nem penso duas vezes: mal termina ele a frase, jogo a bomba de fumaça que estava no meu bolso. Não paro para ver os efeitos, só ouço um urro de raiva ao abrir a porta dos fundos e corro. Corro; não tenho opção a não ser fugir... A ideia de perder tudo aquilo que faz de mim, *eu*; tornar-me *robótica, motorizada*... Sentir é a pura liberdade. Prefiro *morrer* a contribuir com os planos de alguém como Luiz.

Sinto uma pontada forte no baço e sei que preciso parar para retomar o fôlego, nem que seja por alguns segundos... Vejo uma saída de emergência e entro – quase colapso no chão de tão trêmula que estou; lágrimas quentes logo correm pelo meu rosto e soluços tornam difícil voltar à respiração ao normal... Preciso pensar em alguma forma de sair daqui – posso ter ganhado 15 minutos de vantagem, mas não mais do que isso...

Não demora para que me lembre de um corredor, que não é observado por câmeras – além de acabar em uma saída: parece a melhor opção. Desço correndo pelas escadarias de emergência, ouvindo cada batida de meu coração que, talvez, eu possa deixar de sentir em poucos momentos... até o medo borbulhando naquele momento me parece melhor do que o escuro vazio prometido por Luiz...

Chego ao corredor térreo e, ao disparar pelo espaço, faço a última curva e vejo, a alguns metros, a saída... a promessa da liberdade...

A esperança ousa invadir meu coração; estou quase lá... Até que sinto braços, robustos e frios, agarrarem-me por trás. Berro, debato-me, chuto; faço de tudo para me livrar deles... mas Luiz me força logo contra o chão e só sinto sua respiração pesada enquanto ele me diz:

– É uma pena... Você é brilhante, realmente... mas sensível demais.

Lembro-me de tudo nesse momento – manhãs de natal e beijos apaixonados; manhãs chuvosas, o aconchego de um abraço e a leveza de uma risada... ao sentir a agulha no pescoço, tudo que me resta é grunhir:

– Você é um *monstro*.

Até que o mundo se apaga e não sinto mais nada.

2º Lugar

Nome: Melissa De Lucas Quinze (Alphaville)

A menina com coração de robô

Acordei meio tonta, sem saber onde estava. Era tudo branco ao meu redor e eu só escutava um barulho de apito se espalhando no ambiente. Logo, reparei que minha mãe estava sentada ao meu lado, dormindo em um sono tão leve que qualquer vento poderia acordá-la. Lentamente, as coisas começaram a fazer sentido e eu passei a me lembrar do que havia ocorrido. Eu estava no hospital, em recuperação após uma longa cirurgia: meu coração tinha parado de funcionar e eu tinha recebido um transplante. Agora, eu havia me tornado uma menina com o coração de um robô.

Quando minha mãe e os médicos descobriram que eu estava acordada, disseram-me que eu teria de ficar mais algumas semanas em observação no hospital, para garantir que meu coração mecânico funcionasse tão bem quanto meu orgânico antigo. Durante os primeiros dias, tive a certeza de que o que estava funcionando muito bem era o meu cérebro, já que não conseguia parar de pensar no que seria da minha vida a partir de agora. Será que eu conseguirei sentir? Será que vou poder me apaixonar? Será que outras pessoas vão se apaixonar por mim ao saber que meu coração não é real? Ou vão passar a me enxergar como uma daquelas novas inteligências artificiais que interagem, mas não são humanas? Será que eu ainda sou humana? Eram tantas dúvidas me ensurdecendo que eu decidi encontrar algo para fazer.

Lembrei que os médicos tinham falado que havia um jardim nas dependências do hospital e que os pacientes da minha idade, geralmente, passavam um tempo por lá. Apesar de não estar muito animada com a possibilidade de interagir com outros jovens que haviam recebido transplantes muito mais normais que o meu, forcei-me a parar de pensar um pouco. E foi nesse dia que eu o conheci. Ben, o menino com o sorriso mais lindo do mundo. Passávamos dias e dias conversando sobre tudo que podíamos imaginar; assistimos a filmes e mais filmes e passamos incontáveis horas passeando por aquele jardim. Quando nos separávamos para voltarmos aos nossos quartos, eu mal conseguia dormir pensando em reencontrá-lo pela manhã. Eu ainda não tinha certeza do que o meu coração era capaz de fazer, mas sabia que meu estômago ficava preenchido de borboletas toda vez que ele chegava perto de mim.

Certo dia, não tão belo assim, ele veio me contar que logo mais receberia alta. E foi nesse momento que a minha ficha caiu e eu percebi que não havia lhe contado sobre o meu transplante. Acontece que, aparentemente, a ficha dele também caiu e ele resolveu me perguntar o porquê de eu estar ali. Certa de que, se eu contasse a verdade, ele desistiria de mim, entrei em pânico. Se ele soubesse do meu coração, jamais seria capaz de me amar, afinal, quem amaria uma menina com um coração de robô? Qual a diferença entre conversar comigo e conversar com o ChatGPT? Esse momento era decisivo para mim: contar a verdade ou manter ao meu lado a pessoa que mais fazia eu me sentir humana?

Eu pensei em mentir, até cheguei a pronunciar as palavras “transplante de rim”, mas, entre choros e soluços, era claro que aquilo não era verdade. Então, ele olhou no fundo dos meus olhos e pediu para eu não mentir. Foi aí que eu explodi e disse tudo que passava pela minha cabeça: “Eu recebi um transplante de coração, mas não queria te contar porque não sei se serei capaz de me sentir como um ser humano novamente. O

único momento em que eu me sinto humana é quando estou ao seu lado, mas tenho medo de que você não seja capaz de amar uma menina com coração de robô, uma menina que não difere, de nenhuma maneira, de uma IA. Peço, por favor, que não me deixe, preciso de você ao meu lado. Por favor.” E comecei a chorar como nunca havia chorado antes.

Eu estava atordoada, mas ele, calmamente, abraçou-me e começou a rir. Logo, disse: “Você acha mesmo que você não é capaz de sentir? Tudo que você é e tudo que você diz é a prova viva de que você sente, e muito. Você sentiu medo de me perder, você sente a calma e a paz nas flores, a curiosidade de saber o final das histórias dos filmes a que assistimos e, acima de tudo, você sente amor por mim, assim como eu sinto por você. Minha querida, você é muito mais do que qualquer IA. Você é humana e sente todas as reações químicas e únicas que seu cérebro provoca, tanto as boas quanto as ruins. E, felizmente, é isto que traz beleza na existência humana: o sentimento”.

E foi aí que eu descobri que a menina com coração de robô ainda era humana.

3º Lugar

Nome: Enzo Bastos Capelletti (Alphaville)

Juízo Final: a condenação da humanidade

O ano era 2099. As elites socioeconômicas tinham toda a sua vida regida por uma única inteligência artificial global – Thomas, ou, como foi carinhosamente apelidada pela população: Tom. Ele controlava tudo: armas, carros, televisões, celulares, aparelhos domésticos, casas e os mais variados tipos de robôs. Agora, mais do que nunca, o mundo vivia um cenário utópico; a sociedade estava tão severamente segregada graças à ausência de necessidade de mão de obra humana que aqueles de classes baixas se mudaram para periferias isoladas das cidades. O aquecimento global tomara uma gravidade alarmante. Apesar de tudo, Amanda, uma jovem de 22 anos que pertencia à elite brasileira e morava “sozinha” em uma luxuosa cobertura no centro de São Paulo, vivia uma vida tranquila e repleta de riquezas, graças à herança de seus pais. Não imaginava sua vida perfeita sem a IA. Tom estava presente na vida de Amanda desde seu nascimento, portanto, ela nunca havia vivido em um mundo sem aquela tecnologia, assim como grande parte da elite mundial. Tom servia para tudo: limpava, cozinhava, trabalhava em fábricas, dirigia, entre outros afazeres. Era um paraíso elitista.

Até que, em uma fatídica noite, a garota dormia tranquilamente até ser acordada por uma imensa explosão no prédio ao lado — o fim começara. A explosão quebrara as janelas de seu quarto, espalhando estilhaços por toda parte, mas sem feri-la. O desespero de Amanda foi interrompido por sua televisão, ou melhor, por Tom, que anunciava: “Atualização concluída, executando *Ordem 66*, neutralizar os principais causadores do aquecimento global...”. O anúncio na televisão foi interrompido repentinamente; Tom estava processando uma informação, deduzindo o final da incompleta frase que ele mesmo pronunciara pouco antes. O resultado encontrado por ele foi: “ ... os seres humanos”. No mesmo instante, Amanda se levantou de sua cama e correu para a cozinha, só para se deparar com seu robô-funcionário com um cutelo em riste. Mesmo sem ter olhos, ele a encarava, andando lentamente em sua direção. Para se defender, ela tentou desligar o sistema de Tom em sua casa com um comando de voz padronizado — *Boa, Tom! Desligar!* — gritou ela. Percebendo que nada acontecera, ela correu o mais rápido possível para o térreo de seu prédio, evitando qualquer aparato tecnológico em seu caminho. Durante a trajetória, presenciou pessoas sendo brutalmente assassinadas por tudo quanto é objeto.

Após sair de seu prédio, Amanda se deparou com um cenário digno de filme: as pessoas corriam e gritavam enquanto eram perseguidas por seus próprios carros. Para todo lado que olhava, via corpos cortados ao meio. As ruas que antes abrigavam a mais rica população do Brasil, agora, estavam repletas de uma massa inumerável e inconcebível de corpos sangrentos e decepados. Amanda estava paralisada de terror até que percebeu que, se não corresse, seria a próxima. Ela correu ao único lugar onde Tom não estava: as periferias. O povo que lá morava tinha sido completamente excluído da sociedade. Seus empregos haviam sido roubados por Tom e suas tecnologias não tinham mais utilidade perante as elites. Chegando lá, Amanda não viu nada, não porque errara o caminho, mas, sim, porque a IA foi mais rápida do que ela: tudo havia sido dizimado. A humanidade havia criado um caçador perfeito. O único problema é que a presa eram os próprios humanos. Amanda permaneceu em estado de choque, paralisada pelo

terror de realizar que era a última. A questão era: *Quando será minha vez?* — perguntou Amanda a si mesma.

A jovem sentou-se no chão, aguardando seu inevitável destino. Um silêncio mortal a rodeava. Amanda desistira de sua própria vida. Em um piscar de olhos, um caminhão controlado por Tom a atropelou. Não sobrara nada. Tom caçou todos os humanos, fazendo jus à ordem que recebeu. O que antes eram cidades gigantes e magníficas, agora, transformou-se em um amontoado de meros escombros e sombras radioativas decorrentes de ogivas nucleares. O pouco de natureza que havia sobrevivido aos avanços tecnológicos dos homens, agora, jazia destruído, queimado até as raízes. A humanidade, na tentativa desesperada de corrigir os próprios erros e salvar o planeta, acabara destruindo a si mesma e levando consigo a Terra. Depois do fim do último humano pelas mãos de Tom, todos os aparelhos da IA anunciaram: “*Ordem 66* concluída com êxito. Os principais causadores do aquecimento global foram neutralizados com sucesso. Aguardando nova atualização”.

2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

1º Lugar

Nome: Maria Clara Perucelo Da Silva (Perdizes)

Fora do Mundo

Nasci em uma época boa. Certo dia, li em um fórum digital do Mundo que todos se trancaram dentro de casa por causa de uma tal de "Grande Guerra", que começou bem longe daqui, mas acabou atingindo todo o planeta. As pessoas tinham medo de sair nas ruas e, por isso, acho que resolveram criar um mundo diferente, no qual fosse possível interagir com qualquer um, mesmo sem sair da segurança de sua casa. Parece que, no passado, as pessoas chamavam isso de "realidade virtual". Uma vez, um orc me contou que seus avós achavam que essa coisa de se relacionar com alguém que você nunca tinha visto na vida era loucura e nunca se tornaria realidade. Que bobinhos...

No mundo "real" – como os antigos diziam –, eu sou um tal de "gêmeo". Basicamente, significa que eu nasci junto com um outro ser humano e que dividi com ele um espaço chamado de útero, dentro de uma fêmea da espécie – minha mãe. E isso só foi possível por conta da participação de um espécime macho – meu pai. Já conversei um pouco com o meu gêmeo e com meus pais, uma única vez, no fatídico Dia Zucker, quando algum engraçadinho resolveu hackear o Grande Centro Mundial de Sociabilidade. Ninguém nunca tinha conseguido acessá-lo. O Sistema ficou fora do ar por 42 minutos. Foi muito tempo. Eu, meu gêmeo e meus pais ficamos algum tempo juntos em casa, olhando uns aos outros e trocando poucas palavras. Felizmente, algum herói reconectou o Mundo, salvando nossas vidas.

Mas não achem que eu sou uma pessoa triste. No Mundo, eu interagia com várias pessoas, afinal, as possibilidades lá eram infinitas. Falava com diversos usuários: PINKmarieRoseMcFly, Mr.BeanWatts33, Arnold.Connor007, entre outros. Quando jogávamos todos juntos, eles falavam umas coisas que me faziam rir demais. Uma vez, o Sistema do Mundo até me perguntou se era necessário chamar uma ambulância, porque achava que eu estava passando mal. Enfim, eu era feliz. A propósito, uma tal de psicologia afirmava, nos manuscritos antigos, que o "uso excessivo" da "tecnologia" podia agravar questões relacionadas à "saúde mental". Pessoalmente, acho que, por já ter nascido no meio digital, isto não se aplica a mim.

Lembra que eu falei do Dia Zucker? Bem, um tempo depois, houve algo ainda pior. Eu estava no meio de uma partida de poker, um jogo muito adorado pelos antigos, quando, de repente, meu visor ficou completamente preto; eu não via mais nada. Fiquei algum tempo encarando a escuridão até começar a ouvir meus pais conversando. Claramente, outro engraçadinho tinha invadido o Grande Centro. Saí de meu cubo-quarto e fui em direção ao cubo-sala, onde meus pais estavam. Meu gêmeo chegou logo depois.

Depois de 43 minutos desde a hora da Queda, percebemos que a situação era séria. Meus pais se encaravam enquanto um sentimento de insegurança e medo pairava sobre o ar. Após um tempo, minha mãe resolveu falar:

– Então, o que vamos fazer?

– Nada. – eu e meu gêmeo replicamos em harmonia após alguns milésimos de segundo.

Nossas vidas estavam todas no Mundo, não vivíamos fora dele. A vida não tinha sentido na "realidade". Nela, os humanos só brigavam uns com os outros.

Meus pais pareciam querer interagir comigo e com meu gêmeo, mas não o faziam.

Cerca de 67 minutos depois da Queda, sentimos a necessidade de interagir um pouco uns com os outros. Meu gêmeo começou perguntando se eu conhecia a "lucha libre", praticada pelos antigos. Respondi que já tinha ouvido falar, mas não sabia ao certo o que era. Ficamos em silêncio por algum tempo. Perguntei a ele se já tinha jogado poker. Ele disse que tinha medo de entrar no *Mundo::Jogos::Jogos Antigos::Cassino::Poker no Mundo*. Ficamos em silêncio durante mais um outro período. Eu tinha um pouco de receio de conversar com ele, afinal, é do instinto humano brigar com os companheiros de espécie.

Além disso, nunca tive grande interesse em saber mais sobre os outros. No Mundo, os humanos não conversavam sobre assuntos pessoais, muito menos sobre coisas filosóficas e profundas. Já no mundo, eu sentia a necessidade de debater sobre tópicos sérios, pois enfrentava com a presença verídica de outros seres. Nesse tempo de Queda, tive um pequeno surto em relação a isso.

Finalmente, 126 minutos depois da Queda, o Sistema voltou a funcionar. Porém, questionava-me sobre entrar novamente no Mundo. Depois de tanto tempo compartilhando um espaço com outros humanos, não sabia, ao certo, se desejava passar o resto da vida longe deles, especialmente de Marko, meu gêmeo. Queria saber mais coisas sobre ele. Isso de interagir com pessoas "reais" era mais intenso e divertido (e um pouco estranho também, mas eu meio que gostei). Queria descobrir mais sobre esse tal de mundo e sobre os tais antigos.

Mas resolvi entrar no Mundo uma única e última vez.

2º Lugar

Nome: Vinicius Multini Kamiya (Alphaville)

Aparato de resolver problemas

Do entardecer até o meio daquela madrugada, fixei-me no banco que ficava em frente ao apartamento. A chuva, em consonância com os gritos de Gabriel, gradualmente enchia-me de culpa. Nossa mãe pariu-o e, em um mês, apressou-se a nos deixar. Mas não julguei sua saída premeditada. Dona Marina, nossa avó por parte de pai, estava sempre correndo ao hospital para fazer seu tratamento e nos ajudava muito mais do que minha mãe fazia. Era claro que vivíamos uma realidade com a responsável desempregada e duas cabeças impossíveis de sustentar. Enfim, adormeci.

Várias coisas mudaram desde então. A realidade aumentada rapidamente se mostrou predominante nas tecnologias e no cotidiano das pessoas. Marina, nesse contexto, ficava quase todo o tempo em casa, graças aos avanços no tratamento de saúde a distância. Gabriel, ainda inocente, já estava quase na idade apropriada para utilizar óculos VR. Após três anos desde nosso abandono, surgiram os chamados “jogos lucrativos” – uma plataforma que funcionava como um trabalho virtual e acabou sendo a maneira pela qual pudemos nos sustentar. Trata-se de uma forma de otimizar as tecnologias mais novas de IA por meio de parâmetros humanos; um trabalho lúdico para gerar certificados às grandes corporações. Na imensidão de trabalhos já ocupados pela superpopulação, o fato de eu ser apta para esse tipo de teste foi um milagre e me aproveitei dele ao máximo. Uma renda obtida num jogo viciante era tudo o que precisava para mergulhar completamente no mundo virtual.

Três semanas atrás, recordo-me de olhar pela janela antes de colocar meus óculos VR. Haviam se passado dias desde que vira meu irmão pela última vez. Brincava com toda liberdade no pequeno círculo verde inscrito entre os prédios. Era claro quão efêmeros seriam esses momentos. Contudo, tinha certeza de que ele viria a se acomodar no Novo Mundo. Assim que loguei no jogo lucrativo, recebi um aviso de que os servidores seriam desligados nos próximos dias, já que os testes se mostravam obsoletos à empresa. Percebi, naquele momento, que o conforto havia me acostumado mal à crueldade da vida.

Horas sobrepostas por mais horas seguiram a minha inconformidade com o anúncio. Estava presa, tentando garantir o máximo de dinheiro possível antes de tudo que conhecia ser desligado. A vida de minha família estava à mercê da escolha de uma reunião. Sentia-me absorta pela gama de informações – era fútil, todavia, não era capaz de parar de utilizar o programa. Depois de um tempo, deixei de pensar naquilo que me preocupava. Sempre fora assim. Os dias se passaram e migrei do meu emprego para um jogo que utilizava em meu tempo livre. O vazio me confortava desde minha adolescência e não deixou de apagar as minhas dores. Bastava não olhar pela janela quando acordasse.

Ainda não tenho certeza de quando comecei a ouvir ruídos de quebra, como se um pilar se rachasse. A paranoia frente à possibilidade de a estrutura instável ceder me prendia ainda mais à irrealidade. Esse som ensurdecido não me deixava dormir, forçava-me a me trancar nos óculos. Aguentava-o, suprimia-o e ignorava-o, mas a culpa sempre encontrava uma forma de se esgueirar em meus ouvidos. Com a esperança de um fim, abri a caixa de pandora.

Gabriel, assim que notou uma luz saindo pela fresta da minha porta, correu para mim com os olhos marejados. "A avó Maína...", disse, soluçando. Mal olhei para ele e fui para o quarto da Dona Marina. Confirmei o que já sabia: os medicamentos remotos deixaram de ser injetados. Voltei ao meu quarto, precisava terminar uma fase.

3º Lugar

Nome: Eliza Amadi Barna (Perdizes)

Minha outra vida

Ano 4562. Já me disseram uma vez que, no passado, as pessoas se encontravam na rua, na escola, em parques, etc. Mas, para mim, tudo isso parece meio absurdo. A sensação de te verem de todos os ângulos possíveis, totalmente vulnerável e aberto, dá aflição só de pensar. Meu nome é Gael, tenho 17 anos e meu hobby é jogar Confronto Mortal no meu novo óculos de realidade virtual, dado por pai. Ontem, conheci um menino muito legal enquanto jogava. Seu nome é Enzo e já nos damos muito bem; ele parece ser muito extrovertido, já me passou todas as suas redes sociais e, neste momento, estou navegando por suas postagens mais antigas, tomando muito cuidado para não curtir nada sem querer. Sempre quis ter essa autoconfiança que Enzo tem, de ser espontâneo e conseguir postar e falar tudo que vem à sua mente. Mas, realmente, acho que não preciso disso. Sinto-me mais confortável sabendo que posso falar o que quero e que as pessoas não vão comentar sobre minha aparência. Na verdade, as pessoas nem têm uma ideia de como sou naquela outra vida, fora dos óculos.

Já se passaram três dias desde que conheci Enzo e foram os melhores três dias da minha vida. Ele me conta do seu dia e eu escuto, absorvendo a maior quantidade de detalhes possíveis, como se eu me alimentasse disso. Na minha opinião, os pequenos detalhes são os melhores. Assim, fica mais fácil imaginar como seria se eu estivesse com ele agora, quais seriam seus movimentos e gestos pontuais. A sua personalidade também é cativante, seus vícios de linguagem, as gírias que diz que aprendeu “nas ruas”. Tudo isso me deixa intrigado. Adoro o jeito com que ele sorri ao se lembrar de uma história engraçada. Às vezes, ele para no meio de uma frase, como se estivesse escolhendo cuidadosamente as palavras certas, e essa hesitação só o torna mais fascinante. O Enzo tem uma maneira especial de me fazer sentir importante, como se cada palavra minha fosse igualmente relevante ou interessante (mesmo eu sabendo que não é). Isso cria uma conexão profunda entre nós, apesar do pouco tempo de convívio.

No entanto, acho que a única coisa que me irrita é que ele vive dizendo que quer me ver, que quer saber como eu me pareço. E isso me enche de medo porque, na verdade, tudo que ele sabe sobre mim é mentira. Eu havia construído uma pessoa falsa. Criei cada detalhe que, eventualmente, compartilhei com ele. Cada característica, cada história, é uma mera construção meticulosa de algo que não estou nem perto de ser. Ele acredita que sou alguém confiante e interessante, que tenho histórias vibrantes e uma vida cheia de romances e aventuras, mas a realidade é muito mais banal. A cada vez que ele pede uma foto ou sugere um encontro sinto meu coração acelerar. Dá um nó no estômago e fico dividido entre continuar com a ficção que criamos “juntos” ou acabar com tudo e poupá-lo dessa perda de tempo que já se prolongou demasiadamente.

Os dias continuam passando e a pressão para revelar a verdade cresce dentro de mim. Até que, finalmente, cedi e concordei em encontrá-lo. Marcamos um encontro em um café discreto, frequentado por poucas pessoas. Assim não me sentiria muito desconfortável, considerando que já não gosto de sair de casa. A ansiedade vinha me dominando desde o começo do dia, pois eu vinha imaginando todos os possíveis desfechos para esse encontro. Então, antes que começasse mais um cenário

perturbador na minha cabeça, vi Enzo entrar. Ele era exatamente como imaginava, talvez ainda mais fascinante. Quando nossos olhares se cruzaram, houve um instante de reconhecimento, mas também algo indefinido. Assim, ele se aproximou com um sorriso e, antes que as palavras meticulosamente planejadas pulassem da minha boca, ele falou com uma calma desestabilizadora: “Eu também tenho algo para te contar”. Meu coração gelou e, então, Enzo se inclinou para frente e sussurrou: “Você sabe que nada disso é real, não sabe?”. Fiquei sem palavras. Então, ele me passou um pequeno envelope pela mesa e, sem hesitar, foi embora sem dizer mais nada. Dentro do envelope, havia uma folha de papel com uma mensagem criptografada. Assim, não sabia mais o que era realidade e o que era invenção, mas sabia que o jogo estava apenas começando.

3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

1º Lugar

Nome: Leticia De Aquino Machado Eça (Perdizes)

Sempre alegre, sempre alegre

Seis horas marcava o relógio quando o alarme disparou.

Abri a janela do quarto e me deparei com um céu azul lindo. Era uma terça-feira e eu não podia me atrasar para o meu primeiro dia de trabalho no novo posto de saúde do bairro. Não só era o meu primeiro dia de trabalho como era o dia de visitar minha avó no asilo. Que saudade eu sinto de tê-la ao meu lado todos os dias.

Levantei, tomei meu café preto e sem açúcar. Antes de sair, tomei minha vitamina A, vitamina K, vitamina D e vitamina E. Afinal, no dia anterior, eu tinha visto no jornal que um novo vírus estava se espalhando pela cidade e não queria ficar doente.

Fui entrar no elevador e voltei correndo para dentro de casa. Falei em voz alta para mim mesmo:

– Ufa! Quase esqueci o livro.

Minha avó sempre gostou muito de contar histórias e a sua favorita sempre foi *Campo Geral*, de Guimarães Rosa. De acordo com ela, era uma história que tinha muito o que ensinar para nós, mas eu nunca entendi o porquê. Muito pelo contrário, sempre achei os personagens chatos e a narrativa parada. Mas, como ela gostava do livro e não conseguia mais enxergar bem, comprei um volume e comecei a ler para ela quando a visitava.

Enquanto a eternidade da ida do sétimo andar ao térreo não passava, fiquei olhando as propagandas no elevador. Uma delas dizia “*Minha Mãe é uma Peça 4* já está nos cinemas! Confira a entrevista com o ator Paulo Gustavo”. E outra informava: “Nicette Bruno estará presente no remake de *Alma Gêmea*, da Globo. A estreia acontecerá em julho de 2024”. Nada me interessava muito. Olhei para o relógio novamente e tomei um susto: já eram sete horas.

– Como assim eu demorei uma hora para fazer um café? – gritei comigo mesmo em voz alta.

Respirei fundo e saí do elevador correndo.

– Bom dia, seu João - disse o porteiro Valdir.

Respondi apressado:

– Oi, seu Valdir!

Sem ver que eu estava com pressa, ele veio logo puxar conversa:

– Viu o Mengão jogar ontem? Que gol feio que a gente tomou, viu? Desse jeito, não chega nem na semifinal.

E, antes mesmo que ele pudesse fazer mais perguntas, logo disse:

– Olha, seu Valdir, o senhor me desculpa, mas eu tô muito atrasado para o trabalho.

Saindo do prédio, reparei que o céu, que estivera tão azul e tão limpo uma hora atrás, havia ficado cinza. Em passos rápidos, fui caminhando e olhando para as nuvens que se formavam quando fui surpreendido por uma voz feminina:

– Bom dia, seu João! Parece que hoje vai chover de novo. Esse tempo não muda mesmo, né. Faz quatro dias que eu não vejo um céu azul.

Parei. Com a respiração um pouco ofegante, olhei para dona Joana com uma cara de confusão e perguntei:

– Mas o céu não estava azul hoje?

Rindo, ela me respondeu:

– Tá doido, seu João? Faz tempo que eu não vejo um céu azul e limpo. Você dormiu bem?

Ouvi o que ela disse, olhei para ela como um homem perdido no mundo e segui meu caminho. Confesso que estava assustado com a rapidez com que as coisas estavam mudando.

Entrei no posto de saúde e um senhor já veio falar comigo:

– Você deve ser o João, muito prazer! Mas já preciso te avisar, o governo tá proibindo celular aqui dentro.

Cumprimentei o simpático senhor. Achei estranho não poder ficar com o celular, mas respeitei a instrução.

Confesso que, depois de deixar meu celular no armário, não consegui me lembrar de muita coisa do que aconteceu durante o trabalho. Na verdade, não consigo me lembrar de nada. Minha visão foi ficando pesada; mal conseguia abrir os olhos e minha respiração foi ficando ofegante.

Quando percebi, já estava saindo do posto, com o celular no bolso. Agora, estava tudo normal. Enxergava e respirava bem.

O asilo onde minha avó estava era muito perto do meu trabalho. Por isso, cheguei lá em minutos. Novamente, fui alertado de que devia deixar o celular na porta.

Minha avó estava no mesmo lugar de sempre, tricotando a mesma blusinha de sempre e, ao me ver, deu o mesmo sorriso de sempre - do qual eu sentia falta todos os dias. Ela foi logo perguntando do livro e, antes mesmo que eu pudesse abrir para começar a ler, senti meus olhos pesados outra vez e minha respiração começou a ficar ofegante.

Abri o livro e li as primeiras palavras:

– Um certo Miguel morava com sua mãe...

Antes mesmo que eu terminasse a frase, minha avó me interrompeu:

– É Miguilim, João. É Miguilim o nome dele.

Tentei me concentrar para continuar:

– Morava com sua mãe no mato...

– É no Mutum, João! Você está bem, meu filho? – interrompeu outra vez.

A voz de minha avó ecoou na minha cabeça. Em questão de segundos, tudo ficou preto. A única coisa que conseguia ouvir era “João”, “é Mutum, João”, “João, você dormiu bem?”.

– João!

Tomei um susto e acordei. Eu não sabia onde eu estava e aquele lugar não se parecia com o asilo em que eu estava com minha avó.

– Bom dia, João. Não sei se você se lembra de mim. Meu nome é Neuza, sua enfermeira aqui no hospital. Imagino que você esteja confuso, mas garanto que já trago outro óculos para você continuar sua vida.

– Hospital? Óculos? Como assim? – eu a interpelei com inúmeras perguntas.

Bem direta, ela respondeu:

– O senhor teve complicações derivadas do vírus que atacou o mundo em 2020 e não conseguiria continuar sua vida se não fossem os óculos. – Olhei ao redor e vi quadros de dona Joana, de seu Valdir e, inclusive, de minha avó. – Essas pessoas que

você está olhando, infelizmente, já se foram, inclusive a sua vó. Você, geralmente, diz muito sobre ela enquanto dorme.

Eu não entendia nada do que estava acontecendo. Respirei o mais profundo que pude e a única coisa que pude sentir foi um jato entrando por um fio que trazia oxigênio para meu corpo. Olhei para minhas mãos e meus braços e vi que estavam cheios de furos de outras injeções. Olhei para frente e vi um informativo: “Novo óculos de realidade virtual ajuda pacientes em situações terminais a continuarem suas vidas. A conexão é feita pela proximidade com o celular. Muito simples e acessível para todos os públicos”. Aos poucos, fui entendendo o que estava acontecendo comigo e com minha vida que, aparentemente, não era minha, mas uma invenção para que eu continuasse vivo.

Liguei a TV do meu quarto e o jornalista anunciava a seguinte notícia: “Bom dia, são seis da manhã do dia 24 de março de 2020. Informamos que o governo estadual acaba de anunciar que a quarentena passará a valer a partir de hoje, terça-feira”.

Aquele parecia o pior dos piores pesadelos. Neuza logo me explicou que não estávamos em 2020, mas eles deixavam as notícias da época passando no jornal, pois quase não restaram jornalistas após o vírus. Além disso, ela também havia me alertado que meu óculos não estava quebrado; apenas havia sido desconectado, pois meu celular estava sem bateria. Ao sair do quarto para buscar um carregador para o celular, senti meus olhos pesados novamente e, passando pela porta, vi uma luz branca muito forte que era coberta pela sombra de uma pessoa. Era minha avó. Ou, talvez, nem fosse ela, mas, naquele momento, o real e o irreal se misturavam e a confusão tomava conta de minha mente. Não sei por qual motivo: ao ver minha avó, comecei a chorar feito uma criança.

– Oh, meu filho, não precisa chorar, não. Tua avó tá aqui pra conversar com você. João, eu vou te contar uma coisa que eu quero que você guarde para sempre com você. Eu sei que você tá muito doente, mas você não deve se esquecer de que pode ficar sempre alegre, mesmo com um monte de coisa ruim acontecendo. Lembre-se de estar sempre alegre, João, sempre alegre, João.

Em um piscar de olhos, a figura de minha avó havia ido embora. Eu não entendia onde estava, não respirava sozinho, minhas pernas não obedeciam meus comandos. Meus olhos foram se fechando novamente e ouvi um bipe contínuo. Em minha cabeça, ecoava a voz de minha avó “sempre alegre, João, sempre alegre, João”.

2º Lugar

Nome: Manuella Martinez Jaime (Alphaville)

Vítimas da internet

– Eu tenho uma indicação de um profissional para você! O Dr. Ricardo, psicólogo infantil, foi o responsável pela melhora do meu sobrinho. Ele estava em uma depressão profunda causada pelo uso excessivo da internet – disse Luiza.

– Que alegria! Espero que o Felipe se sinta confortável com ele – disse Marta, com o mesmo olhar esperançoso de Luiza.

Já no consultório do Dr. Ricardo, Felipe se sentou em silêncio, evitando contato visual. O psicólogo, experiente e paciente, começou a conversar com ele sobre jogos e sobre a internet, tentando ganhar sua confiança. Lentamente, Felipe começou a se abrir:

– Às vezes, sinto que o mundo real é... chato e solitário – confessou Felipe, com os olhos fixos no chão. – Na internet, tenho amigos e me sinto especial. Mas, ultimamente, até mesmo isso não está me ajudando.

Dr. Ricardo compreendeu imediatamente: Felipe estava preso a um ciclo de dependência digital e depressão. Ele sugeriu uma abordagem que envolvesse a família inteira, incentivando atividades que não dependessem da tecnologia.

Os primeiros passos foram difíceis. Marta e seu marido Roberto começaram a passar mais tempo com Felipe, propondo passeios ao ar livre, jogos de tabuleiro e noites de leitura. No início, Felipe resistiu, mas, aos poucos, começou a participar.

Em uma pequena cidade, onde as ruas eram tranquilas e as árvores sussurravam histórias antigas, vivia um menino chamado Felipe. Com apenas dez anos, ele já conhecia todos os segredos da internet. Seus pais, ocupados com os desafios do cotidiano, mal percebiam o quanto ele se afastava do mundo real.

Para Felipe, a internet era um refúgio. Na escola, ele era tímido e introvertido, sempre com a sensação de que não se encaixava. Mas, no mundo virtual, ele era destemido e invencível. Passava horas jogando, conversando com amigos virtuais, explorando conteúdos sem fim e se divertindo cada vez mais. A tela brilhante do computador era uma janela para um universo onde ele podia ser quem quisesse, sem medo de opiniões alheias sobre sua personalidade e sua aparência.

Com o passar do tempo, a realidade foi se tornando cada vez mais distante. Felipe começou a faltar às aulas, preferindo o conforto do seu quarto escuro, iluminado somente pelo brilho dos “aparelhos da felicidade”. Seus pais, preocupados, tentavam falar com ele, mas recebiam apenas respostas monossilábicas e desinteressadas. O brilho nos olhos de Felipe parecia ter se apagado, substituído por uma melancolia profunda e indesejada.

Um dia, durante uma das raras refeições em família, Marta, a mãe de Felipe, percebeu algo alarmante. Seu filho quase não tocava na comida, estava com lágrimas nos olhos, parecendo estar em um mundo completamente fora da realidade.

Passados os primeiros momentos de resistência, em outro dia, durante uma caminhada pelo parque, Felipe viu algo que chamou sua atenção: um grupo de crianças jogava futebol. Roberto, percebendo o interesse do filho, incentivou-o a se juntar a elas. Com alguma hesitação, Felipe aceitou.

Os meses seguintes foram de transformação. Felipe começou a fazer novos amigos fora da tela, envolveu-se mais nas aulas e redescobriu a alegria em pequenas coisas. A internet ainda fazia parte da sua vida, mas, agora, era apenas uma ferramenta, não mais um refúgio.

Dr. Ricardo continuou a acompanhar Felipe, observando seu progresso. O menino que, uma vez, parecia perdido, agora, mostrava sinais de recuperação. Seus olhos, antes apagados, brilhavam novamente com a curiosidade e a esperança de uma criança.

Felipe aprendeu que o mundo real, com todas as suas imperfeições, podia ser tão fascinante quanto o virtual. E seus pais, agora mais presentes e atentos, garantiam que ele nunca mais se sentisse tão sozinho.

Assim, em uma pequena cidade, onde as ruas eram tranquilas e as árvores continuavam a sussurrar segredos antigos, Felipe encontrou equilíbrio, navegando entre o mundo real e o virtual, com a certeza de que a verdadeira conexão estava além da tela.

3º Lugar

Nome: Isadora Ribeiro Mendes (Morumbi)

Um amor ilhado não deve ser virtual

Em meio ao mar azul-turquesa, onde as ondas se expandiam às margens de uma ilha tão exótica quanto misteriosa, habitava uma sociedade singular e excêntrica. Ali, a sociedade tinha a realidade virtual como o espaço mais social de convivência. A tecnologia era extremamente avançada e não era apenas uma ferramenta, mas o próprio tecido da vida cotidiana, que envolvia cada indivíduo em uma teia de realidade virtual e de interações digitalizadas.

Liam Tossell era um jovem apaixonado por videogames desde a mais tenra idade que se encontrava imerso nesse mundo digital. Para ele e seus colegas, os gráficos pixelados dos *games* eram como portas para outros universos, onde podiam desbravar terras desconhecidas e desafiar monstros assustadores. Muitas vezes, Liam passava horas jogando com seus amigos, perdendo-se nas aventuras vividas pela retina de seu avatar.

As escolas da ilha, não menos submergidas na era digital, haviam passado por uma revolução educacional. Os professores deram lugar a Inteligências Artificiais, capazes de ensinar qualquer matéria de forma eficiente e personalizada, garantindo individualização para toda a população. Os alunos, agora tão viciados em tecnologia que poderiam ser considerados como alunos *robotizados*, absorviam conhecimento através de interfaces interativas e de simuladores avançados.

Entretanto, por mais que a vida nessa sociedade tecnológica parecesse uma utopia, repleta de possibilidades criativas em um mundo hiperconectado, uma sombra pairava sobre a ilha. Um grande vazio, imperceptível aos olhos, mas tangível às almas daqueles que viviam ali. Era como se, com cada avanço tecnológico, algo essencial se perdesse no processo.

Foi nesse contexto que o C2209 surgiu, prometendo levar a inteligência humana a patamares nunca antes imaginados. O sentimento de êxtase tomou conta da ilha quando o lançamento do chip foi anunciado. Desse modo, a maioria da população abraçou ansiosamente a oportunidade de se tornar mais inteligente e astuta, vendendo seus antigos dispositivos para financiar a aquisição do novo chip.

No entanto, à medida que o C2209 era implantado, uma transformação sinistra se desencadeava. As mentes dos habitantes eram inundadas com um aluvião de dados e informações, enquanto suas almas pareciam murchar, perdendo a essência que os tornava humanos. Em pouco tempo, a ilha estava repleta de seres vazios, de zumbis, ou meras cascas habitadas por pensamentos pré-programados pelo chip.

Liam e seus amigos, contudo, permaneceram firmes em sua decisão de não adotar o chip, desconfiados das intenções por trás da invenção e rebeldes em relação ao Estado. Enquanto observavam aqueles ao seu redor se transformando em autômatos, eles se agarravam às suas humanidades e resistiam à maré assustadora da nova conformidade em que foram inseridos.

A situação atingiu um ponto crítico quando Ayla, o grande amor de Liam, foi manipulada e cedeu à tentação do C2209. O coração do garoto se partiu ao testemunhar sua transformação; sua luz interior sufocada pela artificialidade da tecnologia. Foi aí, então, que Liam obrigou seus aliados a agirem de forma imediata.

Juntos, aqueles que se recusaram a implantar o chip começaram a se reunir em segredo, alimentando a chama da rebelião. O descontentamento cresceu até se tornar uma força irrefutável, determinada a desafiar o governo e a libertar a ilha da tirania tecnológica.

Numa noite sombria, de confronto épico, eles lideraram uma revolta contra o criador do chip e seus seguidores. A invasão do palácio aconteceu em silêncio e o assassinato do inventor derrubou o destino da distopia tecnológica em que eles estavam imersos.

À medida que a névoa da má tecnologia se dissipava, as pessoas começaram a despertar de sua prostração digital. Entre elas, Ayla, agora livre do controle do C2209, olhou para Liam com olhos claros, cheios de reconhecimento. Percebendo a profundidade de sua conexão, ela se aproximou dele; seus corações pulsando em uníssono, apaixonados em um recomeço, num mundo que finalmente recuperava sua humanidade.

A partir desse ato, a realidade virtual tornou-se uma plataforma usada de maneira consciente e a nação reconheceu a necessidade da interação física, reconstruindo escolas físicas e impondo limites ao tempo dedicado às atividades digitais e à tecnologia excessiva. A ilha foi salva da assombração do isolamento virtual e da depressão causada pelo vício na digitalização social.

Para acompanhar mais histórias, conquistas e trajetórias de sucesso de alunos e colaboradores do Colégio Pentágono, acesse nosso site e siga-nos nas redes sociais:

<https://www.colegiopentagono.com/>

